

## CATEDRAIS DE CULTURA E DE ARAME EM CURITIBA: MITO E METÁFORA

Carmen Lúcia Fornari Diez<sup>1</sup>

Geraldo Balduino Horn<sup>2</sup>

O presente trabalho tem como principal finalidade discutir a importância que a Escola de Artes e Indústria do Paraná ocupou no processo de formação da identidade cultural paranaense. Contextualiza sua criação no bojo do movimento positivista em plena afirmação no Brasil no final do século XIX e princípio do século XX.

O período do oitocentos, subsequente ao **Século das Luzes**, poderia ser referido como **Século do Movimento**, pois foi atravessado crescentemente pela bulha de deslocamentos, formas, cenários, ruídos, saberes... Um tempo irrequieto, do deslumbramento burguês nas benéncias proporcionadas pelo capitalismo, do êxtase com a velocidade das conquistas científicas, da perplexidade face à transição do *modus vivendi*, da empáfia pela consolidação da razão, do desejo do novo.

A era da máquina e da razão açudou a humanidade. Cerca de cinquenta milhões de europeus migraram para novas terras, camponeses dos mais longínquos cantos convergiram às urbes. Grandes aglomerações nos subúrbios se formaram, criando demandas por meios competentes para desencadeamento do progresso e redução da barbárie. O arcabouço iluminista se configurou como vetor da modernidade. Em um artigo da Gazeta Paranaense de fins do século XIX, a seguinte afirmação mostra esta visão de mundo: “...na marcha evolutiva das nações a aula é um dos pedestais sobre que se deve erguer sublime o futuro de uma nacionalidade.” (GAZETA PARANAENSE, 1885)

Na Europa, processava-se a estruturação dos sistemas educacionais com cursos profissionalizantes direcionados às classes populares. Liceus de artes e ofícios, escolas politécnicas, colônias agrícolas, dentre várias modalidades de instituições preparadoras de mão de obra, eram organizadas. O desenvolvimento da indústria era atribuído, também, às habilidades de desenho dos que projetavam máquinas, equipamentos e artefatos. O desenho se configurou então, como formação necessária ao operariado.

A ânsia **civilizatória**, como força centrífuga, chegou às periferias. Enquanto o Rio de Janeiro desejava refletir Paris ou Londres, nossas capitais de províncias almejavam reproduzir o Município Neutro. Em nosso país, Abolição e migrações tumultuavam

---

<sup>1</sup> Professora da UFPR e doutoranda pela UNIMEP.

<sup>2</sup> Professor da UFPR e doutorando pela USP.

diretamente as regiões mais produtivas, repercutindo, com intensidade variada, em toda a realidade nacional. Alguns movimentos pró República emergiam.

É dentro deste contexto que a presente investigação pretende destacar o papel da Escola de Artes e Indústria do Paraná, fundada pelo imigrante português Antônio Mariano de Lima. A criação desta escola incitou a pequena vila a assumir ares de metrópole, conferindo aos seus habitantes o carisma de pioneiros de modernidade.

O Paraná, ao ser promovido de comarca a província, possuía apenas duas cidades, sete vilas e seis freguesias, contava com cerca de 60 mil habitantes, dos quais 10% residiam em Curitiba. Esta, quando passou a capital, em 1854, era um pequeno aglomerado “*quase circular*” de 338 casas dispostas em 27 quarteirões, servida por duas escolas de primeiras letras, uma masculina e outra feminina. A população de 5819 pessoas era constituída por lavradores, artesãos, comerciantes, trabalhadores nos engenhos de mate, nas fazendas de gado e proprietários. Cidade de “poucos homens ricos” e com “tantos homens brancos,” como Saint Hilaire nunca havia visto em nenhuma região do Brasil.

Em 1879 foram iniciadas as edificações da Santa Casa de Misericórdia, Penitenciária e Igreja Matriz. Neste mesmo ano a estrada-de-ferro Curitiba-Paranaguá teve sua primeira seção começada. Em 1880 o *Theatro S. Theodoro* teve viabilizados seus alicerces, realizaram-se os primeiros estudos para o abastecimento urbano de água e aberta a concorrência para serviços de iluminação, gás e de carris de ferro dentro da cidade.

O sistema bancário e o de impostos se fizeram objeto de preocupação em 1882, e o ensino de primeiras letras ocupou os administradores e legisladores de 1883 a 1885, pois o número irrisório de 3127 matrículas envergonhava Oliveira Belo, que as comparava com as estatísticas e níveis de progresso das outras províncias.

A fé iluminista na educação já se consolidara. Conforme o relatório de Cesario de Miranda Ribeiro ao passar o executivo para Idelfonso Pereira Correia em 1888: “...a escola como instituição imprescindível a um povo que já entrevê no futuro os grandes ideais do progresso humano e que não quer ficar retardatário no movimento acelerado da civilização moderna.” (PARANÁ, 30/06/1888:34)

Em 1885 a Biblioteca Pública teve seu funcionamento regulamentado e aumentou seu acervo de 567 para 2671 volumes (PARANÁ, 1976) e a cidade teve vários melhoramentos, com as seguintes super-estruturas para a época:

Sobre o charco marginal do Rio Belém é construído o Passeio Público. O “velho potreiro”, conforme era então denominado o logradouro público situado em frente à matriz, é convertido na “moderna porém limpa” praça D. Pedro II, hoje Tiradentes. Concluídos os projetos e contratação para construção

da ponte sobre o rio Ivo. Concluído o projeto e iniciada a abertura da Avenida da Imperatriz, mais tarde XV de Novembro e hoje Rua das Flores. (PARANÁ, 1976, p.51)

Newton CARNEIRO em **As artes gráficas em Curitiba** lembra o processo de configuração da infra-estrutura cultural da cidade:

O confronto entre os recenseamentos de 1854 e 1872, comprova quanto evoluíra, em três lustros, a capital paranaense. Atividades desconhecidas ao fim da primeira metade do século XIX, já figuravam até com vários estabelecimentos. Era o caso dos hotéis e hospedarias, das padarias, das alfaiatarias, das cervejarias, das joalherias e, até, do primeiro fotógrafo, o alemão Francisco Hailer, que se estabeleceu com atelier na rua das Flores pouco antes de 1870, precedendo de onze anos o famoso Adolfo Volk cuja arte se exhibe em todos os vetustos álbuns de família da velha Curitiba.

A imprensa, trazida por Cândido Martins Lopes, em 1854, enfrenta sérias dificuldades para poder firmar-se. (CARNEIRO, 1976, p.10).

Martins possuía a maior casa do ramo em Niterói, e foi convidado pelo Conselheiro Zacarias a mudar-se para Curitiba. Montou a **Typographia Paranaense**, provisoriamente à rua da Flores, n. 8, em seguida transferiu-a para o n. 13. Publicava o semanário O Dezenove de Dezembro, e nele, os atos oficiais da província, tarefa que lhe permitia apenas uma retirada mensal irrisória.

Pêndula Meridional era o nome da primeira livraria de Curitiba, localizada no Largo Conselheiro Zacarias, em 1876. Por 22 anos permaneceu sem concorrência. A partir de 1894 é que a família Requião montou comércio no ramo, no número 55 da Rua XV de Novembro.

A construção da identidade político-cultural paranaense teve importante marco enquanto a capital entrava em processo de urbanização física e, apesar das expectativas de modernidade cultural o pensamento de seus governantes ainda se mostrava bastante provinciano. Na Europa e nas cidades brasileiras de maior porte a *escuela promiscua* já fazia parte da vivência cotidiana, apesar das ressalvas de muitos, a exemplo do então vice-presidente Cesario de Miranda Ribeiro: “É a questão da co-educação dos sexos. Esta co-educação que no paiz é admissível na primeira e até na segunda infancia e tem seu typo nas escolas primarias mixtas, é de todo repugnante aos nossos costumes na idade da adolescencia”.

Para ensinar e disciplinarizar as camadas populares, à educação, desde que aliada à moral, era atribuído papel fundamental. Ao modo de pensar europeu, a educação em si, poderia estimular movimentos sediciosos. Na importação da visão, algumas adequações foram efetuadas, possíveis de se perceber no seguinte relatório:

Si a instrução alarga a esphera em que se desenvolve a intelligencia e a povôa de conhecimentos que a ignorancia occulta ao que não sabe, a educação orienta pelo bom caminho ao que por ver mais e mais longe, maiores e peiores seducções soffrerá para transviar-se e perder-se. Sem o cultivo moral a

instrução está mutilada e pervertida; é uma força sem disciplina, sem freio, e a força não vale nas relações sociais, pela utilidade que presta, não pela possança que anima; pujante e nociva, antes, menos energética e profícua. Si do domínio do nosso conhecimento estão ausentes as noções do mundo moral, manifesta-se desequilíbrio, que inhabilita o esforço com que porfiamos o nosso destino. Será a noção do dever luxo de futilidade dispensável, superfectação litteraria de recreio, não de utilidade pratica eficiente? (PARANÁ, 22 de agosto de 1884: 36.)

Quanto ao ensino artístico, a valorização se fixava na possibilidade de desenvolver uma sensibilidade que permitisse lapidar a personalidade e exorcizar os impulsos primários, ou seja, inseria-se no espírito de ocidentalização iluminista:

A musica já dizia Guizot-produz na alma uma verdadeira cultura interior e tem por effeito immediato desenvolver os varios orgãos do ouvido e da palavra, adoçar os costumes, civilisar as classes inferiores, aliviar-as das fadigas do trabalho e proporcionar-lhes innocente prazer em vez de distrações grosseiras e arruinadoras. O desenho é o melhor meio de educar a faculdade da observação e é a base da educação technica e industrial.( PARANÁ, 30/06/1888: 36)

A Curitiba do último quartel do século XIX, até então uma pacata vila de passagem com uma população que não chegava a vinte mil habitantes, ao receber o Imperador D. Pedro II, em 1880, recebeu um sopro de modernidade, despertando sua consciência sobre as condições que lentamente foram constituídas para que se configurasse como capital: um centro de convergência e difusão da faina civilizatória.

CARNEIRO(1980) ao resgatar o desenvolvimento, em Curitiba e no Paraná, do artesanato, do mobiliário, da urbanização e das artes gráficas, bem como do desenho e da pintura por retratistas ambulantes, mostrou que....

Estava portanto, criado um clima para que Mariano de Lima tivesse condições de pensar, projetar e finalmente instalar sua Escola de Belas Artes em Curitiba, entre 1886-87. Havia campo na cidade, havia clima, havia condições, atmosfera e, sobretudo, recurso humano para que essa Escola efetivamente se instalasse. (s.p.)

Para Newton Carneiro, a visita imperial foi o importante marco da transição que dotou capital e estado de importância política em relação ao país, inaugurando um novo tempo. Aí foi detonada a paixão civilizatória, o desejo de elevar o padrão local ao nível das modernas metrópoles.

Artigos em jornais, livros que tratam da arte paranaense e escritos diversos que mencionam que Mariano de Lima chegou ao Brasil em 1883, residindo por um ano na cidade do Rio de Janeiro, "...onde sua arte começou a fazer-se conhecida." (CORDEIRO, 1974, [s.p.]) Quando veio a Curitiba, em 1884, o fez sem intenção prévia, mas aqui se demorou face ao contrato para fazer no Teatro São Teodoro a pintura 'excenográfica'.

Mariano de Lima, formado na Europa, teve seu contato inicial com o Brasil através do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Carlos de Carvalho, apoiado por Jesuino Marcondes, o intermediou ao trabalho de projetar e executar a cenografia do Teatro São

Teodoro, tarefa que o envolveu até 1885. O artista possuía então 24 anos de idade, e embora indicado por pessoas ligadas ao executivo, foi inicialmente sub-contratado pelo empreiteiro Capitão Damaso Correia de Bithencourt. O empreiteiro, na qualidade de comediógrafo, percebeu o valor artístico do contratado, delegando-lhe, além da cenografia, a pintura de painéis em alguns dos salões.

A construção do Teatro São Theodoro, como outras estruturas públicas, foi realizada em parceria entre governo e sociedade civil, face aos desejos da comunidade e insuficiência de recursos financeiros nos cofres públicos, além da inexistência de quadro de pessoal para planejamento e administração de obra.

A cidade de Curitiba encontrava-se em pleno processo de modernização. No campo cultural aos poucos surgiram os jornais e revistas ilustradas, iluminação pública, bondes, estúdios fotográficos, criação da primeira universidade pública do país (1912), etc. Enfim, um conjunto de elementos que somados indicavam a construção de uma idéia de modernidade. Não obstante, o Paraná desta época era ainda um Estado sem uma identidade cultural própria.

É a partir deste contexto que surge o Movimento Paranista cuja principal pretensão era construir essa identidade cultural. Como bem analisa (PEREIRA, 1998: 66), esse movimento “...terá como papel central a construção de uma identidade regional para o Estado do Paraná e que contará com a adesão de intelectuais, artistas, literatos, etc.”

É na confluência do desejo de um perfil cultural próprio com o espírito de modernização que se pode falar em construção do **carisma curitibano**. Entendendo-se por **carisma** um conjunto pessoal de qualidades pessoais que é, ao mesmo tempo, sorte, fado, força que determina ou regula tudo quanto ocorre, e cuja causa se atribui ao acaso das circunstâncias ou a uma suposta predestinação, sina, chamamento ou vocação. Neste sentido, o indivíduo que porta determinado carisma tem, interiormente, especial disposição, talento e aptidão para vivências peculiares, que na cultura local significou antecipar realizações ao fluxo médio do tempo marcado, previsto ou oportuno. Este perfil construído e difundido socialmente, sensibilizou o curitibano a dar preferência por tudo o quanto é moderno, a assumir o pendor de buscar a perfectibilidade no campo do conhecimento, da prática administrativa, voltada sempre, não para vantagem própria, mas para o bem da coletividade.

Destarte, o ‘carisma curitibano’ está interligado ao mito Curitiba, cidade à qual foi atribuída a imagem de uma civilização exemplar, trabalhadora e disciplinada, que se

antecipa culturalmente e urbanamente às demais localidades, espelho do ‘primeiro mundo’ no interior de um país que nem chegou ao desenvolvimento e já é decadente, cidade modelo que, ao mesmo tempo que se adianta, remete à idéia de tempos fabulosos ou heróicos, uma vez que se tornou uma representação de um estágio ideal da sociedade dos homens.

A criação de uma identidade regional para os paranaenses já fazia parte expectativas da intelectualidade, tendo sido incentivada pelo pioneirismo dos imigrantes europeus que chegavam para edificar uma pátria ideal. A fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, em 1900, não dissociada das políticas nacionais e nacionalista, insere-se no projeto de forjar uma história regional aglutinando todas as etnias presentes no Estado. O Instituto, de certa forma, foi uma das bases do Movimento Paranista.

O perfil onírico idealizado se expressava na auto-descrição do artista português. Em fins de 1885, algumas críticas ao pano-cortina do Theatro São Theodoro, e a atribuição de sua pintura a Mariano de Lima, deixaram-no indignado, e levaram-no à imprensa escrita. No revide, o artista descreveu o trabalho que realizou no teatro. Essa descrição permite imaginar a casa de espetáculos, a obra que o jovem lusitano lá realizou, e o zelo que possuía por sua reputação artística.

...consta-me ter alguém dito que o pano-cortina do Teatro São Theodoro foi por mim pintado, e cuja pintura indicaria não possuir eu o curso completo de pintura histórica pois que o panorama representado no referido pano, além de não ter perspectiva é de um colorido de péssima palheta. Protesto contra a atribuição pois que o teatro acima referido só tem uma cena por mim pintada “na saleta pobre. [...]Para se evitar outro engano, cumpre-me relatar o trabalho que tenho de executar, conforme contratei com o empresário do já referido teatro, a saber: Uma sala régia ordem coríntia, estilo Luis XIV. Uma sala pobre (fantasia); uma marinha; um jardim (fantasia); um cemitério (cena noturna) fantasia; uma montanha; um claustro masmorra de Castela, ordem jônica estilo Luis XIV; um pano cortina e seus acessórios, para o arco do proscênio, representando uma parte do passeio público do Rio de Janeiro; uma fachada do gabinete português de leitura erigido à memória de Luis de Camões, estilo manoelino. ass. Antônio Mariano de Lima. (LIMA 29/05/87)

O orgulho por seu nome e trabalho também torna-se evidente nos relatórios que apresentava sobre a Escola. Neles reproduzia o movimento financeiro da instituição, e no rodapé fazia as apreciações. Estas eram mais veementes no período em que passou a ser criticado por rivais. No relatório de 1896, apresentou todas as receitas e despesas, demonstrando a superioridade dos gastos, não cobertos pelo governo. Uma das notas tem o seguinte teor:

NOTA.- Não se acreditando geralmente que trabalhamos gratuitamente, e muito menos que temos adiantado quantias avultadas, fructo do nosso trabalho particular, e que de outras, não menos avultadas, somos presentemente o único responsável material, quasi que temos certeza de que, alguém, vendo-nos apresentar este orçamento, chamar-nos-ha de louco, apesar de elle não tratar de Corpo Docente,-o tempo porém é justiceiro, e por isso confiamos que o futuro aproveitará do nosso actual arrojio...-Dia virá que os septicos de hoje terão de convencer-se de que não é admiravel que um artista sacrifique tudo a uma causa tão nobre como é a do ensino artistico. -Por enquamto acha-se só muito natural que se sacrifiquem riquezas e fortunas em tratamento de cavallos para corridas em luxos, em

jogos de toda espécie, e em mil outras extravagâncias e futilidades, pelas quais estraga-se a saúde, envenenando o espírito e roubando o pão e o futuro aos próprios filhos. (PARANÁ, 28/10/1895: 24)

Nesse sentido, pode-se afirmar que Mariano de Lima foi precursor do movimento paranista contribuindo enormemente com a formação da identidade político-cultural paranaense. Ao fundar a Escola de Artes e Indústrias, foi cercado por um grupo de intelectuais que agitou a cidade, molestou políticos, veiculou a idéia de civilização e modernidade como ideal a ser conquistado pelos povos cultos, enfim, fecundou na cultura local as condições de possibilidade para o ‘paranismo’, movimento para a construção de identidade regional que marcou a cultura local nas décadas posteriores.

O movimento Paranista surgiu, oficialmente, em meio ao glamour curitibano dos anos 20, marcados pelos salões de arte, pelo café Belas Artes no centro na Rua XV—entre as ruas Barão do Rio Branco e Monsenhor Celso—, dos primeiros salões de arte, dos saraus no Clube Curitibano.

Para Romário Martins,

...quem introduziu esse vocábulo entre nós – afirma – foi Domingos Nascimento, em 1906, ao regressar de uma viagem ao Norte do estado, onde notara que ninguém nos chamava paranaenses e sim paranistas. A palavra nascera ali espontaneamente. A população das nossas terras do setentrão era quase na sua unanimidade constituída de paulistas, e estes, por natural aproximação com o nome dado aos naturais do seu Estado, designavam os paranaenses de paranistas. (In PEREIRA 1992:3)

O próprio Romário Martins confessa a simpatia que sentia pelo termo que, para ele, tinha uma sonoridade mais bonita e que representava, ou que poderia representar, muito mais que uma simples natividade, que uma identificação do local de nascimento; poderia simbolizar o amor, o sentimento de afeição e de apego que se pudesse ter por esta terra. Por ser muito mais abrangente que paranaense, seria suficiente para dar conta de todo o cosmopolitismo do estado, repleto de migrantes e imigrantes, com costumes e tradições das mais diversas. O termo paranista permitia que todos fossem abarcados. Possibilitava a participação de todos na construção deste Paraná novo e pujante, com base no trabalho e progresso.

ROMÁRIO MARTINS definiu o que é ser paranista:

Paranista é todo aquele que tem pelo Paraná uma afeição sincera, e que notavelmente demonstra em qualquer manifestação de atividade digna, útil a coletividade paranaense. Paranista é aquele que em terras do Paraná lavrou um campo, cedeu uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compôs uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou a bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore. (In PEREIRA 1992: 3)

Paranista seria, portanto, aquele paranaense que deixa suas marcas no estado, que agora é construído por todos. Basta que se tenha pelo Paraná uma afeição sincera. Romário

afirmava: “Paranismo é o espírito novo, de alcance e exaltação, idealizador de um Paraná maior e melhor pelo trabalho, pela ordem, pelo progresso, pela bondade, pela justiça, pela cultura, pela civilização. E o ambiente de paz e solidariedade, o brilho e a altura dos ideais, as realizações superiores da inteligência e do sentimento”.(In PEREIRA 1992:3)

Sob essas bases e com esses fins, Romário Martins fundou, em 1927, o Centro Paranista. O primeiro artigo do Programa do Centro Paranista define-o como, uma agremiação que tem por objetivo promover e estimular todas as iniciativas úteis ao progresso e a civilização do Estado do Paraná.( MARTINS, In PEREIRA 1992:26)

O Centro chegou a enviar uma mensagem ao paranista Afonso Camargo, então presidente do Paraná, onde seus membros citam explicitamente que “Não queremos a adesão dos incapazes nem dos egoístas. São entaves ao progresso e a civilização.” E continua com uma adversão, “Quem não tiver pelo Paraná uma sincera afeição e não for capaz de um esforço pelo seu progresso, não deve se alistar entre os sócios do Centro Paranista.”(MARTINS, In PEREIRA 1992:26) Sob influência da ‘religião positivista’, o centro convida todos à oração paranista, em honra do Estado, gigante adormecido, em cujo solo tudo é melhor, da natureza aos seus habitantes<sup>3</sup>.

O progresso seria propiciado pelas peculiaridades que o Paraná possuía, tanto do ponto de vista étnico, como do ponto de vista natural – como destaca a oração paranista – e produziria aquele tipo ideal que, nas palavras de Romário Martins, “...teria uma vontade realizadora, uma cooperação fraternal, fruto da cultura generalizadora, da beleza física e moral, de um Paraná erguido no ápice de sua própria grandeza.”(In PEREIRA,1992: 28)

O paranismo era tudo isso. Espírito trabalhador, honesto, criativo e inovador que pretendia construir um Paraná novo pelo progresso. Conjuga a simpatia pelo modernismo e pelo ‘bugrismo’ o que nos fica claro na leitura do Postulado Paranista de Turim. O escultor fala da necessidade de deixarmos de copiar servilmente a Europa, sendo melhor errar, procurando alguma coisa de novo, que se perpetuar na rotina.

---

<sup>3</sup> Vemos frutificando numa leira única as ameixas do Canadá,  
Azeitonas Delvas de Sevilha, os kakis do Japão, macas norte americanas  
Nêspers da Itália, numa palissada ao lado,  
Finas, succulentas uvas da França.  
Tudo assim, na TERRA DAS MARAVILHAS,  
Neste PARANÁ das moças bonitas,  
Das mulheres mais lindas do mundo!  
É o despertar de GOLIAS! (CORREIA 1928:33/34)

Desde o Brasil Colônia a educação artística se caracterizava como exclusividade da Corte. De acordo com CARNEIRO (1980), a institucionalização desse tipo de ensino se deve ao pioneirismo do Conde da Barca, que promoveu a organização de uma escola especializada em artes, no Rio de Janeiro, sob inspiração das práticas européias, mais especificamente do *Conservatoire National des Arts et Métieres*, localizado em Paris. Em 1856 a escola do Município Neutro foi reestruturada por Bithencourt da Silva como Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro.

A segunda escola de artes do país foi fundada em 1872, na Bahia, com a denominação **Aula de Desenho e Pintura**, transformada em **Escola de Bellas Artes e Industrias** em 1889.

**A Aula de Desenho e Pintura**, fundada em Curitiba, foi a terceira escola brasileira do gênero. A iniciativa de educação artística de Mariano de Lima foi pioneira no Paraná, e sua escola foi como uma sementeira não apenas de expoentes artísticos, mas da intelectualidade paranaense. Das centenas de alunos que lá estudaram, alguns nomes se destacaram nas artes paranaenses, tais como Zaco Paraná, Benedicto Nicolau dos Santos, João Turim, Aureliano Silveira, Paulo Idelfonso D'Assumpção e Maria da Conceição Aguiar de Lima. Além de seus discípulos, muitos colaboradores se projetaram nas esferas acadêmica, política e de comunicação, como Leôncio Correia, Victor Ferreira do Amaral, Alfredo Caetano Munhoz, Agostinho Ermelino de Leão, Pamphilo de Assumpção, Nestor Victor, Rocha Pombo e Emiliano Perneta. (CORDEIRO, s.d.)

A exemplo da parceria entre sociedade civil e governo para construção do primeiro teatro, o poder público planejou reproduzir no Paraná uma escola nos moldes do Liceu de Arte e Ofícios, já em atividade no Município Neutro. Essa escola foi transformada, na República, em Escola Nacional de Belas Artes, tendo sido paradigmática às várias que foram implantadas no país.

Assim, em 1882 a legislação autorizou o governo a conceder uma subvenção de 3 mil contos de réis anuais para a associação que se constituísse no intuito de fundar um Liceu de Artes e Ofícios em Curitiba. Todavia, relatórios do governo registraram o pesar de não haver encontrado colaboração da comunidade.

O amigo e incentivador de Mariano de Lima, Joaquim de Almeida Faria Sobrinho, assumindo o executivo paranaense, oficializou, em 22 de julho de 1886, a escola de desenho como **Aula de Desenho e Pintura**

Em relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná no dia 17 de fevereiro de 1887, o Presidente da Província Dr. Joaquim D'Almeida Sobrinho. (1887:81) descreveu os primórdios da escola e a dedicação de Mariano de Lima:

No dia 6 do corrente inaugurou-se a aula de desenho e pintura sob a direção do inteligente e incansável professor Antonio Mariano de Lima, que gratuitamente se ofereceu para reger-a.

Está perfeitamente bem montada, com aceio e gosto: possui o material indispensável para uma aula de tal ordem. Funciona em uma das salas do Instituto Paranaense. Já era tempo de cuidar-se do ensino das bellas artes tão descuidado entre nós; é de esperar que, os esforços de tão distinto professor produzão resultados satisfactorios.

A pintura que em todos os tempos foi considerada com fazendo parteda educação de um povo, e que sempre contribuiu com seu contingente para o engrandecimento de uma nação, que levou ao apogêo da gloria Miguel Angelo, Raphael, Murillo, Victor Meirelles e tantos outros, não podia passar desapercibida para nós que trilhamos a senda do progresso.

O Snr. Antonio Mariano deLima é digno dos maiores elogios e da gratidão nossa pelo muito que se esforçou para dotar esta capital de mais esse melhoramento. (PARANÁ, 17/2/1887: 81)

Em 4 de março de 1888 saiu do prelo o primeiro número do jornal da escola, como parte da estratégia de divulgação e ampliação da abrangência da instituição. Mariano envolveu alunos e professores na edição do jornal A ARTE, cujo conteúdo e trabalho gráfico era da responsabilidade do corpo discente, apoiado pelo docente. Colaboraram na sua organização: João Pereira Lagos, Justiniano de Melo, Emiliano Pernetá, Nestor Vitor, Rocha Pombo, Pamphilo de Assumpção e Leôncio Correia. A publicação destinava-se, conforme o editorial, a divulgar a Escola e as Belas Artes, e compunha-se de três partes. A primeira com informações oficiais da instituição, a segunda para conteúdo cultural como artigos e poesias, e a última para notícias diversas. (A ARTE, 04/03/1988)

Após um ano de atividades de ensino de artes e obtendo grande produtividade com o corpo discente, Mariano conseguiu que o governo instituísse prêmios nas modalidades de medalhas de ouro, prata e bronze, aos melhores trabalhos. A oficialização desses prêmios se deu pela Lei nº 925 de 6 de setembro de 1888. Assim surgiram as primeiras mostras de arte do Paraná, com definição de júri, ao qual era delegada a tarefa de avaliação e classificação das obras. Diante disso, a Escola de Desenho e Pintura foi conquistando credibilidade, e seu diretor, o respeito da comunidade.

A repercussão positiva desses resultados, permitiu que Mariano conseguisse desvincular a escola do Instituto Paranaense, sendo-lhe destinado um prédio exclusivo, e conquistada a autorização da administração da Província à ampliação do corpo docente para 22 professores, nas categorias de efetivos, avulsos e instrutores de alunos. Como efetivos estavam, além de Mariano, Victor Ferreira do Amaral, Custodio Raposo, Carlos Húbel, Major Bento de Menezes, Camilo Vanzolini, Margarida Setragni, Georgina Mongruel,

Jacinto Manoel da Cunha, Francisco de Paula Guimarães. Os professores avulsos eram: Tertuliano Teixeira de Freitas, Alfredo Caetano Munhoz, Agostinho Ermelino de Leão, Roberto Schiebler, e Simon Block. O terceiro grupo era composto por alunos dedicados e que se destacavam no aprendizado, entre os quais, João Turim, Alberto Bardal, Paulo Freyer, Mário de Barros, Polixena Correia e Maria da Conceição Aguiar. (A ARTE, 04/03/1988) Portanto, Mariano de Lima já antecipava, em mais de um século, o sistema de monitorias, hoje habitual em nossas universidades.

Em 29 de novembro de 1889 a instituição foi denominada oficialmente como **Escola de Artes e Industrias do Paraná**. A este nome Mariano acrescentava aquele que era a sua aspiração, espelhado em Bithencourt da Silva: **Lyceo Artístico e Industrial**.

Em 1895 a escola passou a se chamar **Escola de Bellas Artes e Industrias** e seu currículo foi adaptado ao da Escola Nacional de Belas Artes, como condição necessária às reivindicações de bolsas de estudos no exterior para seus matriculados. O curso de ciências servia como complemento teórico aos outros, abordando inclusive história da arte; o de música, após conteúdos de teoria elementar e solfejo, desmembrava-se em canto, piano, instrumentos de corda, instrumentos de sopro, harmonia e conjunto de instrumentos; o curso de desenho, além de se constituir pré-requisito aos cursos de gravura, pintura e escultura, constituía-se também como uma espécie de habilitação por si só, e englobava as disciplinas de perspectiva, desenho linear, figura e ornato, física, química, história natural, mitologia, arqueologia, história da arte e estética. O ensino de arquitetura era centrado em cálculo, topografia, resistência dos materiais, desenho arquitetônico e confecção de plantas; gravura, escultura e pintura possuíam a exigência do curso de desenho, e partilhavam das matérias básicas anatomia e fisiologia, mas priorizavam, nas práticas, as especificidade de cada curso; em artes industriais o leque de ofertas era de desenho com aplicação na litografia, prendas domésticas, mecânica, tipografia, litografia, marcenaria, funilaria, fotografia, carpintaria, encadernação.

Foi esta estrutura educacional que Alfredo Andersen, conhecido como ‘pai da pintura paranaense’<sup>4</sup> visitou em 1893 motivando-o a estabelecer residência em Curitiba e montar sua própria escola, dez anos mais tarde, quando Mariano de Lima já abandonara o Paraná.

Mariano começava a demonstrar sinais de cansaço. Os ofícios que enviava à administração pública mostravam que sua paciência e obstinação possuíam limites.

---

<sup>4</sup> Apesar de Mariano ser antecessor de Andersen, o desconhecimento dos registros históricos consagrou este último como pioneiro no ensino de artes no Estado.

Confessou em artigo de A Arte de 15 de junho de 1895, que se achava sobrecarregado de trabalho e possuído de desgosto...

... vendo a indiferença com que ha sido tratada a escola que é uma das instituições de mais actividades que eu me tenho expressado aqui ou ali de modo rispido e desatencioso, mas não tendo a intenção de offensa fico assim tranquillo convindo que se assim me expresso porque bastantes razões tem a refferida escola para que me constitua seu energico advogado. Terminando eu quizera que a provincia tivesse pela escola uma só particulado interesse e amor grandioso que lhe voto porque então estou certo que ella progredindo dia a dia accentaria ao paiz e demais nações que o Paraná sabe apreciar e manter o que convem e é util e civilizador como seja um instituto de artes e officios.(LIMA, maio de 1895)

Mariano de Lima era um conhecedor de sua época e das aspirações dos governantes em relação ao progresso para a região. Em suas argumentações para justificar o atendimento de suas solicitações de verbas, utilizava o discurso que se enquadrava perfeitamente à realidade, como o apresentado ao chefe do executivo: "...porque fazer economia nas modicas verbas que peço importaria em roubo a nação principalmente nessa parte do sul visto que do ensino e da ordem vem muito rapidamente a riqueza moral intellectual e pecuniaria especialmente.”(LIMA,4/3/1888)

Mariano projetou então o Palacio da Cultura, um rebuscado e monumental prédio que deveria abrigar a escola com inúmeras novas atividades, desde então já idealizadas, como diversas oficinas, além de museu e biblioteca pública: uma verdadeira ‘catedral’ do projeto civilizatório. Hoje, tal empreendimento, poderia ser pensado como um shopping de cultura e explicitaria, tanto sob o prisma arquitetônico quanto do de promoção arrojada de espaço de erudição, o mito ‘Curitiba’.

Sempre incansável, o mestre inscreveu várias obras de seus alunos, além de seu projeto, no concurso promovido pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, seletivo à Exposição de Chicago. A aprovação do no Rio, foi a primeira etapa, a partir da qual deveria enviar o material selecionado para os Estados Unidos. No intuito de divulgar a escola e a classificação para o concurso internacional, o mestre promoveu exposição do material que iria para o exterior. O público pode apreciar as plantas do Palácio da Cultura e as telas de Maria de Aguiar, Minervina Wanderley, Alberto Bardal, Paulo Freyer, Oscar Sabhte e Benedito Antonio dos Santos. (CORREIA in: PARANÁ, 1976)

O projeto monumental foi agraciado em Chicago, no ano de 1900, com Medalha de Ouro. Dos seis trabalhos de artistas paranaenses enviados pela Escola de Artes Industriais, três foram premiados naquele evento dos Estados Unidos. O artista se utilizava da estratégia de veicular sua laureada proposta para encontrar a aceitação da comunidade e da imprensa com o objetivo de convencer o poder público à sua concretização. Ao receber o

prêmio do exterior, teria um argumento convincente à objetivação do sonho. Mas o projeto não foi executado, e além disso “A participação da escola nessa exposição serviu como pretexto para uma campanha contra Mariano que o desgostou profundamente e influenciou na sua decisão de se transferir para Manaus.” (PARANÁ. 1991:257)

Em 15 de janeiro de 1898, quando as obras selecionadas para Chicago recém haviam sido para lá despachadas, Leoncio Correia publicou na 1ª página de A REPUBLICA, um artigo repleto de elogios ao trabalho do mestre, dos discípulos, e ao próprio mestre. Abaixo, alguns trechos do texto publicado:

A esta hora, talvez, que, ao cadenciar melancólico das vagas do oceano, lá vão elles, modestos embora, para fulgurar no certamen extraordinario que os Estados Unidos da America do Norte abrem á fecundidade do trabalho humano.(...)

Ainda bem, que ao lado dos productos materiaes de nossa terra, póde palpitar, nossa tambem., uma alma enastrecida dos louros da Arte, dessa Arte, sempre serena e sempre vencedora, que, à feição do filho Prospero, sabe levantar as tempestades e acalmar os furacões. (...) Ao director da escola de Artes e Industrias do Paraná, distincto e infadigavel artista Antonio Mariano de Lima, em cuja alma resoam os agradecimentos de tanta vocação até ha pouco desconhecida e hoje aproveitada, deve ao meio de todas as agruras da vida, ficar um consolo delicioso: - é essa alegria incomparavel de ser o unico que, na exposição de Chicago, faz o Paraná representar-se pelos partos augustos da imaginação e do talento. (CORREIA, 15/03/1898)

As pressões aumentavam dia a dia para o mestre. Desde o início da década de 90, por conta de rivalidades artísticas e pessoais, fora iniciada campanha contra ele e sua obra, campanha que se acirrou com a repercussão do Projeto do que passou a chamar ‘Casa da Cultura’ e intensificada após a premiação de Chicago. Também era acelerado o ritmo em que aumentava o déficit da escola. Para minorar suas dificuldades econômicas, paralelamente às atividades docentes, realizava trabalhos diversos. Apresentou anúncios em A ARTE, oferecendo seus préstimos artísticos, a serem contratados na própria escola, cujo telefone era número 49 e a caixa de correio número 23. Voltou a pintar retratos, executando os de Carvalho Chaves, Coronel Amazonas Marcondes, Jesuino Lopes, Barão do Cerro Azul e Joaquim Monteiro de Carvalho. Essas duas últimas telas, pertencem hoje ao acervo do Museu paranaense. Também dava aulas particulares, como registrado em correspondência publicada em A ARTE: “O Dr Generoso Marques do Santos participa que sua filha deixa de frequentar a aula de desenho em virtude de seu director estar lecionando-a em casa.[...] Agradece a atenção que lhe dispensou e o zelo empregado em seu adiantamento. (SANTOS, in A ARTE, abril de 1895)

Mariano ainda tentava resistir aos problemas financeiros e às contrariedades, enviando convites a personalidades para visitar a escola com suas respectivas famílias “... a fim de que taes visitas sirvam de estímulo aos alumnos.”(LIMA, in A ARTE, maio de

1895) Utilizava todos os recursos a que tinha acesso, introduzindo melhoramentos e novidades. O gabinete fotográfico foi instalado da Escola de Bellas Artes e Industrias em 1898. Tentava aumentar o movimento e a influência da escola, colocando o salão de conferências à disposição para qualquer evento cultural, e conforme anúncio em A ARTE, fornecia os materiais e as dependências, gratuitamente, para professores externos que desejassem lá ensinar, desde que submetessem os conteúdos e métodos à fiscalização da diretoria e atendessem as normas de disciplina da casa. O mestre Luso iniciava assim, há cem anos, experiências de terceirização.

Em 1899 Mariano de Lima foi efetivado como titular da cadeira de desenho do Ginásio Paranaense, através do decreto nº 239 de 2 de agosto. Lecionava também na Escola Normal. Não mais possuía condições financeiras para dedicar-se exclusivamente à 'sua filha diletta', como habitualmente referia-se à escola. Em 7 de junho de 1900 conseguiu que o governo Estadual autorizasse sua primeira licença, por 3 meses, período em que foi substituído na escola de artes por D. Maria Conceição Aguiar de Lima, sua esposa. Em 21 de setembro do mesmo ano conseguiu prorrogação da licença por igual período. Em 1902 pediu exoneração de seu cargo. Saiu do Paraná triste e contrariado.

Em 1910, como parte de um projeto de âmbito nacional, foi fundada a Escolas de Aprendizes e Artífices, hoje Escola Técnica Federal do Paraná, da qual Assumpção foi um dos articuladores. Essa escola, excetuando a parte de prendas domésticas, assumiu, naquela época, a proposta que Mariano de Lima já desenvolvia, adequando-se a um novo tempo. A nova escola definiu sua clientela como do sexo masculino e oriunda das classes populares, não permitindo o acesso a adultos. Fisicamente, era quase a materialização dos desejos oníricos do mestre luso. Possuía todas as oficinas que ele imaginara, com corpo de professores e instrutores contratados pelo governo federal, era bem menos limitada em termos orçamentários. Todavia, ao direcionar suas atividades a uma clientela específica, lá não se viabilizou a riqueza de convivências diversas entre sexos, idades, origens sociais e interesses. Também o aspecto de estar exclusivamente vinculada à utilidade direta da produção material cerceou sobremaneira a ênfase artística.

Para concluir, há que se externar de que esta sistematização não decorreu da proposta de escrever uma história sobre Mariano de Lima. Mais modesta, contenta-se num primeiro momento, em reunir alguns dados da memória paranaense do ensino de arte, repassando-os, para propiciar uma compreensão maior de nosso processo cultural.

No rol de informações que emergiram, surgiu o esboço de um jovem imigrante idealizador de um projeto institucional que ultrapassava as previsibilidades do espírito provinciano do curitibano da época. Sua trajetória inicial cativou seus contemporâneos que almejavam a modernidade, aspiravam elaborar uma realidade que espelhasse os **países civilizados**. Quando surgiram os primeiros sinais de que a utopia poderia ser concretizada, Mariano de Lima já pensava adiante, antecipando a ênfase na informação que caracterizaria o Século XX, mas não conseguiu ser acompanhado. Seu palácio, motivo de glória e decepção, jamais foi construído.

A Curitiba dos ‘Festivais de Teatro’, das arquiteturas aramadas, da ‘terceirização’ escolar, dos projetos visuais e culturais avançados ainda não conseguiu realizar, em toda sua extensão, o projeto nascido com a Escola de Artes e Indústrias de Mariano de Lima. Todavia, a idealidade lá plantada, teve o movimento paranista como vetor e, apesar de hibernar por muitas décadas em sua materialidade, germinou enquanto imagem, deslumbrando tanto ao visitante como ao próprio curitibano, projetando uma representação de que o habitat perfeito, o devir sonhado, o exterior da caverna platônica, foi antecipado nessa urbes, graças a esforço, trabalho, persistência, honestidade e visão antecipatória do curitibano, ou seja, à realização e cumprimento desse carisma, constitutivo de uma identidade cultural.

Tudo o que se localiza nos baldios dessa imagética são questões não olhadas, consideradas periféricas, não condignas com o constructo centenário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

- A ARTE. Órgão da Escola de Desenho e Pintura. Curitiba. Periódicos editados de 1888 a 1895, do nº 1 ao nº7. Biblioteca Pública do Paraná. Micro Filme. Setor de Documentação Paranaense.
- BAPTISTA, Christine. **Vultos Paranaenses**: Mariano de Lima. APUD. Vultos Paranaenses. Boletim do Arquivo Público do Paraná. nº 24. 1988. ano XIII. (MIMEO) p
- CARNEIRO, David. **Antônio Mariano de Lima**. Veterana Verba, Gazeta do Povo 29/05/87. (recorte) Biblioteca Pública do PR - Setor de Documentação Paranaense.
- CARNEIRO, Newton Isac da Silva. **As artes gráficas em Curitiba**: Surto e desenvolvimento dos processos tipográfico e litográfico, arte editorial e comércio de livros na capital paranaense. Curitiba: Edições Paiol/Fundação Cultural de Curitiba, 1976.
- CARNEIRO, Newton Isac da Silva. **A arte paranaense antes de Alfredo Andersen**. Boletim Informativo da Casa Romário Martins- Ano VII- nº 43- setembro de 1980.
- CARNEIRO, Newton Isac da Silva. **Mariano de Lima e o Ensino das Artes em Curitiba**. Mimeo- s.d.
- CORDEIRO, João Jorge. **A arte no Paraná**. Curitiba: folha datilografada, dez 1974. Biblioteca Pública do PR - Setor de Documentação Paranaense.

MARTINS, Romário. **Mensagem do Centro Paranista**. Curitiba, 1927

PARANÁ. **Dicionário Histórico Biográfico do Paraná**. Curitiba: Livraria Editora do Chaim; Banco do Estado do Paraná, 1991. Biblioteca Pública do Paraná. Setor de Documentação Paranaense.

PARANÁ, **Relatorio** com que O Dr. Sancho de Barros Pimentel/Passou a Administração da Provincia ao 1º vice-presidente conselheiro jesuino marcondes de oliveira e sá no dia 26 de janeiro de 1882/curytiba Typ. Perseverança de J. f. Pinheiro/1882. Arquivo Público do Paraná.

PARANÁ, **Relatorio** ao exmo sñr. governador Idelfonso Pereira Correia, 2º vice-presidente da Provincia, apresentado ao ar. Cesario de Miranda Ribeiro, na passagem da administração da Provincia em 30/06/1888. typ. da Gazeta Paranaense

PARANÁ, **Relatorio** apresentado á Assemblèa Legislativa do Paraná no dia 17 de fevereiro de 1887 pelo Presidente da Provincia Dr. Joaquim D'Almeida Sobrinho. 1887. Curytiba. Typ. da Gazeta Paranaense". Arquivo Público do Paraná.

PARANÁ, **Relatorio** apresentado ao Dr. José Pereira Santos Andrade - Governador do Estado do Paraná, pelo Bacharel Antonio Augusto de Carvalho Chaves - Secretario dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Pública- em 1º de setembro de 1896. Arquivo Público do Paraná

PARANÁ, **Relatorio** apresentado ao Dr. Jose Pereira Santos Andrade, Governador do Estado do Paraná, pelo Bel. Antonio Augusto de Carvalho Chaves - Secretario dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção publica, em 1º de setembro de 1896. Arquivo Público do Paraná

PARANÁ, **Relatorio** apresentado ao exmo. sñr. Dr. Francisco Xavier da Silva, governador do estado do Paraná, por Caetano Alberto Munhoz, secretario dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica, 1895. Corytiba: Typ. e lith. a vapor-Impressora Paranaense, 1894. Arquivo Público do Paraná

PARANÁ. **Relatorio** apresentado ao Governador Francisco Xavier da Silva pelo secretario de obras publicas e colonização, J.Baptista da Costa Carvalho Filho em 28 de outubro de 1895. Corytiba: Impressora Paranaense, 1896. Arquivo Público do Paraná

PARANÁ. **Relatorio** que ao Exm. Sr. Dr. Brazilio Machado Augusto de Oliveira, apresentou o exm. Sr. Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, ao passar-lhe a administração em 22 de agosto de 1884. Curityba, Typ. Perseverança de J. F. Pinheiro. Praça General Osorio, 1884. Arquivo Público do Paraná

PARANÁ. **Referência em Planejamento**, Revista ano I-3º trimestre 76 - n.3 - Curitiba: Secretaria de Estadodo Planejamento, 1976.

PEREIRA, Luis F. Lopes. **Paranismo: o Paraná Inventado**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.